

# DIGNIDADE

Jornal de todos os aposentados do Plano V

Edição 48 - julho/setembro - 2016 Afubesp

## DE OLHOS BEM ABERTOS



**PARA NÃO PERDER DIREITOS E NÃO  
TER PREJUÍZOS, COLEGAS DEVEM ESTAR  
ATENTOS AO QUE VEM PELA FRENTE**

# Em busca dos seus direitos

Grupo formado por integrantes da CNAB, diretores e associados da Afubesp realiza ação para alertar e orientar colegas

Com o objetivo de alertar e orientar os banespianos a respeito de seus direitos, um grupo de pessoas tem feito um trabalho importante dentro da Afubesp. Diretores, associados, integrantes da Comissão Nacional dos Aposentados do Banespa (CNAB) compõem esse coletivo, formado por Cristina Amorim, Lucia Lopes, Neusa e Carolina Vertu, Sônia Temperani e Luiz Antônio Brunhara.

Com o apoio do Departamento Jurídico da Associação, o grupo tem enviado material explicativo para os colegas que possuíam saldo no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) em janeiro de 1989 (Plano Verão) e/ou em abril de 1990 (Plano Collor I), informando que ainda é possível receber a correção das perdas dessas épocas. As ações prescrevem em 2019 e em 2020, respectivamente, e por isso é muito importante tomar as medidas necessárias o quanto antes.

O trabalho foi iniciado em fevereiro deste ano e todos os sócios da



Grupo já enviou informação sobre ações para todos os associados da Afubesp e a partir de agora irá avisar os demais banespianos

Afubesp já foram contatados, o que gerou grande procura por informações no Jurídico sobre esse assunto. A partir de agora os colegas que não fazem parte do quadro associativo também irão receber correspondência com as orientações de como proceder para entrar com o processo. A ideia é que toda a comunidade banespiana tenha acesso às informações.

Para os que ainda têm dúvidas se possui ou não direito a receber as perdas dos dois planos ou apenas um

deles, o Jurídico da Afubesp informa que o primeiro passo é confirmar se não aceitaram acordo proposto pelo governo de 2001 a 2003 neste sentido; se já não receberam as diferenças no saque do Fundo de Garantia na ocasião da aposentadoria; se tinham saldo no FGTS no período citado anteriormente; e se não possuem processo deste teor em outra entidade ou advogado particular.

Mais informações sobre o assunto podem ser obtidas no endereço [www.afubesp.org.br](http://www.afubesp.org.br)

## DIGNIDADE

[www.afubesp.com.br](http://www.afubesp.com.br)

**REAJUSTE**

# Momento requer atenção redobrada dos aposentados

Conjuntura política e econômica é desfavorável e colegas devem ficar atentos para não ter prejuízos



CAMILA OLIVEIRA

**Herbert Moniz faz alerta aos banespianos sobre a política de abonos salariais que reduzem reajustes dos aposentados**

**O**s bancários estão em campanha salarial. E esta promete ser uma das mais duras da história. Não porque os banqueiros não continuem com altos lucros que os impeçam de repassar índice que contemple reposição da inflação mais aumento real, mas sim porque a conjuntura política e econômica brasileira permite que eles endureçam suas posturas cada vez mais.

Não é porque os colegas estão aposentados que essa realidade não os atinge. A parcela dos banespianos do Plano V que não

assinou a Cláusula 44 tem recebido nos últimos anos o reajuste da categoria, que é costumeiramente acima do INPC. Perder reajuste no salário é algo que ninguém quer: reposição da corrosão inflacionária significa manter o poder de compra, ao menos.

“A proposta inicial dos banqueiros foi a de implantar novamente a política a gosto dos neoliberais, como era de costume no Governo FHC de abonos salariais. Isto, sobretudo, representa um perigo iminente para os participantes do Plano V, vinculados à categoria bancária. Os patrocinadores, sempre atentos

a ilegalidades que gerem polpidos lucros, podem reiniciar mais congelamentos salariais, sob pretexto vil de que abono não contempla inativos”, comenta o coordenador da Comissão Nacional dos Aposentados (CNAB), Herbert Moniz, que frisa: “os banqueiros, por outra, não hesitarão em lançar alternativas que eliminem direitos na atual quadra de dificuldades aos trabalhadores.”

Nas últimas negociações a Fenaban voltou, “de forma covarde e em sintonia com os golpistas”, com a ideia de adicionar abono à proposta deste ano. A manobra foi rejeitada pelo Comando Nacional e a greve segue. Os bancários reivindicam 14,78% de reajuste, índice que corresponde à reposição da inflação mais 5% de aumento real.

O coordenador da CNAB também chama atenção dos colegas sobre mudanças que podem atingir os fundos de pensão e prejudicar os banespianos, urdidas em um Congresso Nacional viciado e disposto a sacrificar avanços duramente conquistados nos últimos 14 anos. “Agora, mais do que nunca, é preciso estar alerta aos movimentos desse governo que já demonstrou em suas primeiras ações não se preocupar com questões sociais dos fragilizados, inclusive, o escancarado desejo de congelar por 20 anos as despesas para garantir juros estratosféricos aos banqueiros e engordar as contas dos rentistas, via mercado financeiro. Em suma, este é apenas o começo de um saco de maldades crescentes, com viés de legalidade”, conclui Moniz.

## HOMENAGEM

# Um lutador de massas

Sem medo de desafios, Augusto Campos se tornou referência no sindicalismo brasileiro

**A**ugusto Campos é um dos personagens da luta bancária que dispensa apresentações. Banespiano notável, foi presidente do Sindicato de 1979 e 1985, e um dos responsáveis pela retomada da entidade durante o regime militar. E foi nessa época de repressão que seus sentidos políticos se afloraram: como estudante da USP, experimentou a liberdade de pensamentos, conheceu a realidade da América do Sul e saiu em passeatas contra a ditadura no movimento estudantil.

Mas, provavelmente, todo esse engajamento não seria possível sem a formação familiar. Sua mãe, uma apaixonada por livros, passou o gosto pela literatura ao filho. Já o pai, músico, tocava flauta. Em entrevista em 2014 ao Memória Sindical, Campos contou como foi sua infância e adolescência em Altinópolis (interior paulista).

Jovem, trabalhou como office boy de um cartório. Enquanto estudante, nos finais de anos 1960, viajou por países vizinhos. No Chile, entrou em contato com a realidade dos trabalhadores mineiros e suas precárias situações. A atmosfera de descobertas e conhecimento calhou com a situação política do Brasil, com a ditadura instaurada, repressão e a

efervescência das lutas sindicais em Osasco e na região do ABC paulista.

Sua entrada no Banespa, no departamento jurídico, aconteceu nesta época. “Éramos estudantes (os funcionários), militantes estudantis e começamos a refletir sobre o banco. Ali começou a militância”, destacou. Como consequência, sua vivência no Sindicato dos Bancários foi crescendo paulatinamente.

Campos foi um dos líderes da oposição bancária. A retomada do Sindicato foi de extrema importância para a redemocratização do Brasil, e trouxe elementos característicos da estrutura da entidade até hoje, como o trabalho de mobilização do bancário, os elementos de teatro de rua em manifestações e uma forma de comunicação mais rápida com boletins diários e curtos - a Folha Bancária.

Esta atuação foi fundamental também na construção do novo sindicalismo com a criação da CUT. Num contexto de ditadura onde poderia haver intervenção a qualquer momento, sua certeza era de deveria ser feito algo memorável na gestão. Junto de Luiz Gushiken, Gilmar Carneiro e outros nomes, travaram a

luta de massas com objetivo de estimular o pensamento da categoria. “Meu papel eu fiz naquele momento: colocamos o bancário no cenário nacional”, frisou.

Foi diretor representante eleito dos funcionários do Banespa, colocando de oito a dez mil banespianos em assembleia. Apesar disso, considera sua companheira Lucia Mathias - conselheira fiscal do Banesprev - “melhor militante” pela causas do banco. Seus caminhos, inevitavelmente cruzaram com a política: foi eleito vereador de São Paulo em 2000 com quase 19 mil votos.

Hoje é conselheiro emérito da Afubesp e eficaz colaborador da CNAB. O sindicalista que na juventude quis ser embaixador é fascinado pelo estudo do homem e seus pensamentos e costumes. Nesta etapa da vida, dedica seu tempo aos filhos e netos. Augusto, septuagenário, foi buscar na maresia de Santos uma vida mais pacata sem abandonar os livros e, claro, uma boa conversa. “Sempre tive uma paixão muito grande em escutar as pessoas. Em todas as pessoas há uma riqueza, e é preciso aproveitar isso.”

PAULO REFE

